



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/07/2021 a 15/07/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/07/2021	14,04	352,50	62,41	6,08	6,29
12/07/2021	14,32	354,90	64,99	6,35	6,69
13/07/2021	14,38	355,10	66,63	6,28	6,77
14/07/2021	14,67	366,60	66,63	6,45	6,83
15/07/2021	14,47	362,70	67,31	6,72	5,64
Média	14,38	358,36	65,59	6,38	6,44

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	152,00	
RS – Não Me Toque	152,00	
RS – Londrina	152,00	
PR – Cascavel	151,00	
MT – C.N.Parecis	153,00	
MS – Maracaju	156,00	
GO - Rio Verde	148,00	
BA – L.E.Magalhães	157,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	80,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	86,00	
SC – Rio do Sul	86,00	
PR – Cascavel	90,00	
PR – Londrina	89,00	
MT – C.N.Parecis	77,00	
MS – Maracaju	88,00	
SP – Itapetininga	96,00	
SP – Campinas	99,00	CIF
GO – Rio Verde	82,00	
GO – Jataí	82,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	79,00	
PR – Londrina	82,00	
PR – Cascavel	82,00	

Período: 14/07/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/07/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,47	151,76	77,43

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/07/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	69,58
Feijão (saco 60 Kg)	256,47
Sorgo (saco 60 Kg)	62,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,02
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,14**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,28

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago subiram nesta semana, lembrando que no dia 15/07 o primeiro mês cotado passou a ser agosto. Desta forma, após chegar a US\$ 14,67/bushel na véspera, o fechamento do dia 15 (quinta-feira) ficou em US\$ 14,47, contra US\$ 13,90/bushel uma semana antes.

O mercado trabalhou a partir do relatório de oferta e demanda do USDA e do comportamento climático nos EUA.

Quanto ao relatório, não houve grandes novidades em relação ao indicado em junho. A safra de soja nos EUA foi mantida na estimativa de 120 milhões de toneladas e os estoques finais locais, em 2021/22, continuam estimados em 4,2 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao produtor de soja estadunidense ficou em US\$ 13,70/bushel para este novo ano comercial que se aproxima. Em termos mundiais, a produção ficou mantida em 385,2 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais foram aumentados para 94,5 milhões de toneladas. A novidade maior foi a redução do volume a ser importado pela China, o qual passou de 103 para 102 milhões de toneladas para o ano em questão.

Quanto a qualidade das lavouras de soja estadunidenses, até o dia 11/07, as lavouras em boas ou excelentes condições foram mantidas em 59%, contra 60% esperados pelo mercado. No ano passado eram 68%. Outras 30% das lavouras estão em situação regular e 11% em condições ruins ou muito ruins. Por sua vez, 46% das lavouras estavam em floração.

Portanto, as oscilações altistas em Chicago foram muito mais em função do clima, pois o relatório seria baixista. Aliás, o mercado o considerou conservador, imaginando que possa haver quebra na safra, não confirmando o volume estimado. Algo que terá que ainda ser observado nos próximos 60 dias.

Em paralelo, na semana encerrada em 8 de julho os embarques de soja chegaram a 200.933 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado, somando um total de 57,6 milhões de toneladas no total anual, ou seja, 52% a mais do que no ano anterior nesta mesma época.

Dito isso, as importações de soja por parte da China aumentaram em junho, crescendo 11,6% sobre maio, atingindo a 10,7 milhões de toneladas. Este foi o terceiro maior montante mensal da história. As importações chinesas de soja somaram 48,96 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2021, aumentando 8,7% sobre o mesmo período do ano passado. Com isso, o sentimento é de que a China esteja retornando à sua normalidade após o evento da Peste Suína Africana. Por outro lado, parte do mercado destaca que a partir de agora a demanda pode diminuir, pois as margens de esmagamento na China seguem negativas. Neste sentido, segundo a consultoria JC Intelligence, as esmagadoras na província de Shandong, a maior região esmagadora de soja do norte da China, por exemplo, tem registrado um prejuízo de cerca de US\$ 30,63 por tonelada da oleaginosa processada. E boa parte deste movimento está atrelada ao atual momento da suinocultura. Os preços do suíno já acumulam uma baixa de mais de 60% de janeiro a junho diante da preocupação dos suinocultores com novos surtos de Peste Suína Africana e outras zoonoses, e frente aos custos elevados

para controlar doenças como estas, além de temerem perder mais animais como no momento do pico da epidemia. Assim, os produtores chineses têm abatido animais mais jovens, "forçando" uma comercialização mais intensa e promovendo também uma pressão expressiva sobre os preços da carne suína no país.

Por enquanto, boa parte da soja que chega na China é de origem brasileira. No entanto, além de, diante do quadro de demanda, as compras poderem diminuir um pouco em julho, logo adiante as mesmas se deslocarão com maior intensidade para a soja dos EUA, a partir da entrada da nova safra local. Mas há ainda bastante soja disponível no Brasil, pelo menos até setembro.

É importante destacar que os prêmios no Brasil, para setembro, estão entre US\$ 1,35 e US\$ 1,40 sobre os preços praticados em Chicago, e no Golfo estão bem mais baixo (cf. Grupo Labhoro). Ainda no Golfo, os prêmios para agosto são de 78 a 85 centavos de dólar por bushel, e para outubro, os vendedores pedem 75 centavos de dólar sobre a CBOT, enquanto no Brasil os valores para outubro já variam entre US\$ 1,41 e US\$ 1,55 por bushel. Assim, a soja brasileira perde competitividade.

Por fim, mesmo que a China esteja bem abastecida, espera-se que ela vá importar um total de 105 milhões de toneladas de soja neste ano. Em sendo assim, é possível que os chineses venham mais tímidos às compras neste segundo semestre. Tanto é verdade que os EUA vem sentindo a falta de demanda nas compras de soja, em relação aos anos anteriores, para os meses a partir de agosto. Confirmando a análise anterior, o USDA indica que os elevados estoques de carne suína pressionaram os preços dos animais, reduzindo as margens de esmagamento e diminuindo a demanda por farelo de soja, ao menos no curto prazo.

Enquanto isso, no Brasil, com o Real muito volátil, chegando a R\$ 5,09 na quinta-feira (15) pela manhã, os preços responderam particularmente ao comportamento de Chicago, subindo um pouco na média. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 151,76/saco, enquanto nas demais praças nacionais os mesmos oscilaram entre R\$ 148,00 e R\$ 157,00/saco.

Por sua vez, a comercialização da safra 2021/22 no Mato Grosso atingiu a 34,6% do total esperado, contra 47% na mesma época do ano passado e contra a média histórica de 25,3% para o período. Já em relação a safra colhida em 2020/21, as vendas atingem 90% do total, contra 88,7% na média histórica para o período. (cf. Imea)

Em termos de Brasil como um todo, a última safra nacional de soja já foi comercializada em 79,2% de seu total até o dia 09/07, contra 78,2% na média histórica para este período. Com isso, sobram ainda 28,6 milhões de toneladas relativas a última safra. Já em relação a futura safra 2021/22 a comercialização antecipada estaria em 21,5%, contra 39,8% no ano passado e 17,6% na média histórica.(cf. Safras & Mercado)

Enfim, as exportações brasileiras de soja em julho, segundo a Anec, devem atingir a 9 milhões de toneladas, contra 10,1 milhões em junho e 8,03 milhões em julho do ano passado. A Associação estima igualmente que o Brasil exporte 1,75 milhão de toneladas de farelo de soja em julho.

E, para encerrarmos o comentário desta semana, em linha com o que já abordamos em outra oportunidade, produtores brasileiros do Maranhão e Mato Grosso, num total de 55 pessoas, começam a receber um prêmio pela produção da chamada soja sustentável. Esta nova iniciativa recompensaria os produtores pelos seus “serviços ambientais”. Neste sentido, o programa, apoiado pela unidade de químicos do conglomerado japonês Sumitomo e pela Tropical Forest Alliance (TFA) o programa cria um incentivo financeiro para a proteção ambiental, endereçando um incentivo financeiro aos produtores parceiros. Segundo os cientistas, os agricultores podem empregar técnicas regenerativas para ajudar a fixar o carbono no solo, incluindo o plantio de culturas ou utilização de coberturas de solo durante todo o ano, em conjunto com atividades agroflorestais que combinam pecuária, agricultura e o plantio de árvores. Conforme dito pelo diretor de marketing da Sumitomo Chemical no Brasil, a iniciativa gerou uma redução "teórica" no desmatamento estimada em 4 mil hectares, com base em dados de um algoritmo. Ele disse que a empresa reservou 55 mil dólares em recompensas a serem pagas a sojicultores elegíveis do Brasil em 2021. Obviamente, os créditos de carbono acumulados pelos produtores brasileiros poderiam ser negociados com a própria Sumitomo, ajudando a empresa a atingir sua meta de zerar suas emissões líquidas de carbono dentro do prazo, que termina em 2050. Os agricultores participantes do programa, incluindo alguns clientes da Sumitomo, cultivam soja em uma área estimada de 450 mil hectares no Maranhão e 19 mil hectares em Mato Grosso, segundo a empresa. (cf. Notícias Agrícolas)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também subiram nesta semana, porém, a mudança do primeiro mês em Chicago, agora passando a ser setembro, derrubou o valor praticado. Enquanto o fechamento do dia 14/07 ficou em US\$ 6,83/bushel, contra US\$ 6,38 uma semana antes, o fechamento do dia 15/07 (já tendo setembro como primeiro mês) ficou em apenas US\$ 5,64/bushel (a mais baixa cotação, para o primeiro mês, desde o início de abril), indicando pressão baixista na medida em que a safra nova avança, apesar de algumas preocupações climáticas.

Por sua vez, o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/07, acabou sendo baixista para as cotações, pois aumentou a produção dos EUA, para 2021/22, indicando 385,2 milhões de toneladas, e estoques finais estadunidenses em 93 milhões de toneladas. No primeiro caso um aumento de cerca de cinco milhões de toneladas e no segundo um aumento de quase dois milhões. Em termos mundiais, a produção avançou para 1,195 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais passaram a 291,2 milhões de toneladas. A produção brasileira, para este novo ano comercial, ficou mantida em 118 milhões de toneladas, enquanto a do corrente ano fica em 93 milhões de toneladas (provavelmente será ainda menor). O preço médio projetado ao produtor estadunidense foi reduzido para US\$ 5,60/bushel para 2021/22.

Dito isso, as lavouras em condições entre boas a excelentes melhoraram um pouco, passando a 65% do total nos EUA. Um ano antes eram 69%. Outros 27% estão regulares e 8% em condições ruins e muito ruins. Por sua vez, 26% das lavouras estão em fase de embonecamento e 3% já iniciaram o enchimento de grão.

Por outro lado, os embarques de milho pelos EUA foram de 993.974 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total exportado neste ano comercial chega a 59,1 milhões de toneladas, ou seja, 68% acima do que foi registrado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, a China importou 15,3 milhões de toneladas de milho no primeiro semestre de 2021, ou seja, 318,5% a mais do que no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços do cereal continuam firmes. A semana fechou com a média gaúcha, no balcão, valendo R\$ 84,47/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto oscilou entre R\$ 77,00 e R\$ 96,00/saco. Ao mesmo tempo, o CIF Campinas (SP) fechou em R\$ 99,00/saco.

O fato é que os vendedores têm limitado suas vendas diante das incertezas da produção final que deverá vir na safrinha. Assim, nos primeiros nove dias de julho o saco do cereal, calculado pelo indicador da Esalq/BM&FBovespa, subiu 7,41%.

Neste contexto, a produção de milho da segunda safra deverá ficar em 56,8 milhões de toneladas, recuando 22,8% sobre o produzido no ano anterior. Em janeiro deste ano esperava-se uma safrinha de 84 milhões de toneladas. Com isso, entre o previsto inicialmente e a atual projeção, depois do atraso no plantio, seca e geadas, a quebra da safrinha é de 32,4%, ou seja, praticamente um terço. Desta forma, a produtividade média deverá recuar para 3.941 quilos/hectare, contra 5.537 quilos no ano anterior. Enfim, a colheita da segunda safra chegou a 15,3% da área até o dia 09/07. Por Estado, tinha-se 4,8% no Paraná, 4,3% em São Paulo, 9,9% em Mato Grosso do Sul, 8,8% em Goiás e 26,3% em Mato Grosso. No mesmo período do ano passado, a colheita atingia 31,8% da área estimada. A média histórica de colheita é de 27,1%. Na região do Matopiba, a colheita atingia 22,9% da área cultivada de 1,08 milhão de hectares até o dia 09/07. A colheita atinge 19,7% da área na Bahia, 26,9% no Maranhão, 32,3% no Piauí e 15,5% no Tocantins. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, outra consultoria privada indica que 20% da área do Centro-Sul brasileiro já teria sido colhida na segunda safra, contra 35% no mesmo período do ano passado. Em termos de produção a estimativa é que a safrinha fique em 54,6 milhões de toneladas e 59,1 milhões incluindo o Norte e Nordeste. No ano anterior o total colhido neste conjunto regional foi de 75,1 milhões segundo a consultoria. Neste caso, a quebra da atual segunda safra, comparando com a do ano anterior, é de 21,3%. (cf. AgRural)

Especificamente em relação ao Mato Grosso, a colheita da safrinha estaria, neste momento, em 35,5% da área, ainda assim 27,8 pontos percentuais abaixo da média histórica. Já a comercialização do milho atinge 79,9% da produção esperada, enquanto os preços recuaram 10,3% em relação ao mês de junho, ficando em R\$ 62,92/saco. É a primeira vez, em 12 meses, que o preço médio comercializado não apresenta alta na comparação com o mês anterior. Para a safra 2021/22 a queda no preço foi de 8,8% em junho, ficando o mesmo em R\$ 52,53/saco. Isso está freando as vendas antecipadas desta futura safra, havendo 25,6% apenas negociado. (cf. Imea)

E no Paraná, segundo o Departamento de Economia Agrícola (Deral), a colheita da segunda safra continua em 3%, sendo que 47% das lavouras estão em fase de

maturação, enquanto apenas 11% são consideradas boas, 45% médias e 44% ruins. De forma geral, o Paraná deverá ter uma importante quebra da safrinha. Segundo relatos dos produtores rurais em reunião técnica realizada nesta semana, a quebra média chegaria a 70%. E para quem semeou fora da janela ideal o prejuízo tende a ser de 100%. As fortes geadas na virada de junho para julho foram a gota d'água para consolidar os prejuízos. Sem falar que nova frente fria entrou no sul do Brasil neste final de semana, com temperaturas ao redor de zero grau em muitas regiões.

Já no Mato Grosso do Sul, após as geadas a produtividade média estimada caiu para 52,3 sacos/hectare, o que resultará em uma produção de apenas 6,3 milhões de toneladas. Isso significa quase quatro milhões a menos do que o inicialmente esperado. Ao mesmo tempo, as lavouras consideradas boas se mantêm em apenas 1%, contra 38% regulares e 61% ruins. (cf. Famasul)

Enfim, em termos de exportações, espera-se que o país venda ao exterior, em julho, 3,03 milhões de toneladas de milho, contra os 5,1 milhões exportadas pelo país em julho do ano passado. Lembrando que em junho foram apenas 90.000 toneladas exportadas. (cf. Anec) A expectativa atualmente é de o país exportar 20 milhões de toneladas do cereal neste ano, com um recuo de 12 a 15 milhões de toneladas em relação ao inicialmente projetado. Em relação a media de preço da tonelada exportada, a mesma ficou em US\$ 209,80, superando em 31,8% o valor praticado em julho de 2020.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram bem nesta semana. O fechamento para o primeiro mês cotado ficou em US\$ 6,72/bushel, contra US\$ 6,12 uma semana antes.

Este aumento se deve a revisão para baixo na produção final de trigo nos EUA neste ano 2021/22. Isso apareceu no relatório de oferta e demanda divulgado no dia 12/07. O mesmo indicou, agora, uma produção total de trigo, nos EUA, em 47,5 milhões de toneladas, ou seja, cerca de quatro milhões a menos do que o projetado em junho. Já os estoques finais estadunidenses ficariam em 18,1 milhões de toneladas, quase três milhões a menos do que o indicado em junho. Com isso, o preço médio ao produtor local, no ano de 2021/22, está estimado, agora, em US\$ 6,60/bushel, contra US\$ 5,05 na safra anterior. Já a produção mundial de trigo ficou em 792,4 milhões de toneladas, com estoques finais esperados em 291,7 milhões de toneladas. Neste último caso um recuo de cinco milhões sobre o indicado em junho. A produção da Argentina foi mantida em 20,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira foi elevada para 6,9 milhões.

Afora isso, a colheita do trigo de inverno nos EUA chegava a 59% da área até o dia 11/07, contra 65% na média histórica para esta data. Enquanto isso, apenas 16% do trigo de primavera apresentava condições entre boas a excelentes, 29% estavam regulares e 55% entre ruins a muito ruins.

Já em termos de exportação, os EUA chegaram a um volume de 424.327 toneladas na semana encerrada em 08/07, ficando próximo do limite superior esperado pelo mercado. O total exportado no atual ano comercial soma 2,3 milhões de toneladas,

sendo 24% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior. O volume semanal exportado foi 44% acima da média das quatro semanas anteriores.

Vale destacar que a China importou, no primeiro semestre de 2021, um total de 5,37 milhões de toneladas de trigo, de todas as origens somadas. Isso representa 60,1% a mais do que na primeira metade de 2020.

Por outro lado, na Rússia os preços de exportação de trigo recuaram nesta semana, com os mesmos ficando em US\$ 238,00/tonelada FOB nos portos do Mar Negro. (cf. IKAR)

A Rússia deve exportar entre 1,5 milhão e 2 milhões de toneladas de trigo em julho, ante 2,3 milhões de toneladas em julho de 2020, devido ao imposto de exportação e ao início mais lento da colheita. (cf. Sovecon) A colheita russa de trigo, neste ano, entrará mais tarde do que em 2020.

Já aqui no Brasil os preços continuam sofrendo pressão de baixa. A média gaúcha, no balcão, fechou a presente semana em R\$ 77,43/saco, enquanto no Paraná o valor ficou em R\$ 82,00/saco.

A Conab, em novas estimativas de safra, indica que a área brasileira de trigo deverá mesmo ser de 2,62 milhões de hectares, atingindo o maior espaço desde 2014, com aumento de 12,3% sobre o ano passado. A produtividade média esperada é de 3.230 quilos/hectare (53,8 sacos/hectare). Em isso se confirmando, a produção nacional será um recorde excepcional de 8,48 milhões de toneladas, ou seja, 36% acima do colhido no ano anterior. Este volume é bem superior aos 6,9 milhões indicados no relatório do USDA do dia 12/07. Obviamente, tudo dependerá do clima, mas em se confirmando tais números a tendência é de os preços do cereal, no Brasil, recuarem fortemente a partir de setembro, quando começa a colheita no Paraná.

Em termos de clima, o mesmo esteve adequado até a quinta-feira (15). A partir daí surgiram preocupações com a extensão da nova massa de ar frio, com geadas, que chegou ao sul do país no dia 16/07. Geadas sobre as lavouras do Paraná, a partir de agora, podem causar prejuízos às mesmas. Lembrando que o Paraná semeou 1,18 milhão de hectares com o cereal neste ano (+5,9% sobre a área do ano anterior). Já a área do Rio Grande do Sul deve ser de 1,1 milhão de hectares, com aumento de 17,9% sobre o ano passado. E em Santa Catarina a área aumentou 44,5% sobre 2020, atingindo a 88.300 hectares. Já no Sudeste haverá redução na área semeada com o cereal, com a mesma ficando em 75.900 toneladas somando São Paulo e Minas Gerais particularmente. No Centro-Oeste a área com trigo aumenta, chegando a 161.900 hectares. E no Nordeste, a Bahia deverá semear 6.000 hectares de trigo, sendo toda ela irrigada.

Neste contexto nacional, o mercado do trigo está com pouca movimentação na comercialização e os preços são apenas nominais na maior parte das praças. A nova desvalorização do Real acabou travando o lado importador, porém, é bom frisar que a partir de um câmbio abaixo de R\$ 5,10 por dólar, a importação fica atrativa diante dos atuais preços internos.